

**Azevedo, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & Classes sociais e grupos de prestígio*, 2ª ed., Salvador, EDUFBA/EGBA, 1996. 186p.**

Este livro de Thales de Azevedo, um clássico entre os estudos sobre relações raciais no Brasil, originalmente publicado em 1953 em francês e em 1955 em português, ganha agora nova edição. Trata-se de um estudo de mobilidade social do negro na Bahia, particularmente em Salvador, no início da década de 50 deste século. Azevedo utilizou como fontes entrevistas com pessoas ditas “de cor” e com um número limitado de pessoas ditas “brancas”, jornais e revistas da cidade. Além disso recorreu ao método da observação direta de cerimônias religiosas, desfiles militares e cívicos, escolas, academias, bailes em clubes, festas em família, repartições públicas, entre outros, com o objetivo de analisar os processos de mobilidade do negro e do mestiço nos grupos sociais e profissionais da cidade. Ainda sobre as fontes devemos lembrar que o próprio autor se considerou como fazendo parte das mesmas, uma vez que a sua experiência e vivência na sociedade estudada foram levadas em conta. Partindo da premissa de que todo conhecimento contém uma dose de subjetividade, ele, embora tenha buscado a compreensão da questão racial na Bahia de forma objetiva, reconheceu ser praticamente impossível libertar-se de todos os preconceitos etnocêntricos enquanto participante ativo de uma cultura.

Objetivando perceber os mecanismos adotados pelos não brancos para obterem ascensão social e os possíveis conflitos oriundos desta ascensão. Thales de Azevedo utilizou-se da obra de Donald Pierson acerca da estruturação sócio-racial de Salvador.<sup>1</sup> Segue assim o pressuposto de que a sociedade baiana estava dividida em duas classes, a superior, composta por descendentes da antiga aristocracia, grandes comerciantes e intelectuais; a classe baixa, formada por pessoas de profissões braçais e manuais. Além das classes acima citadas, haveria um grupo intermediário formado por pequenos funcionários públicos e comerciantes, que a seu ver não poderiam ser chamados de classe média. Considerou a sociedade baiana “multirracial de classes”, porque sua estratificação se baseava não apenas na cor como também, e talvez principalmente, nas condições econômicas e relações familiares e pessoais entre os indivíduos.

O argumento que permeia a análise empreendida por Azevedo neste livro é a idéia da existência de uma relativa democracia racial em Salvador, fruto de um sistema escravista brando e humano, ao contrário do que teria ocorrido, por exemplo, nos Estados Unidos. Este livro fez parte de um conjunto de estudos desenvolvidos neste período por cientistas sociais que elegeram o Brasil, e prin-

<sup>1</sup> Donald Pierson, *Branços e Pretos na Bahia. Um estudo de contacto racial*. São Paulo. Editora Nacional, 1945.

principalmente a Bahia, para suas investigações devido à aparente ausência de conflitos raciais.<sup>2</sup>

*As Elites de Cor* foi estruturado em duas partes. Na primeira, Azevedo definiu os grupos étnicos presentes na cidade, chamando a atenção para o fato de que os critérios físicos não são suficientes para agrupar indivíduos, sendo determinados também por condições sócio-culturais. Dentro desta lógica, procurou mostrar uma quase ausência de conflitos raciais na sociedade. O autor pretendeu comprovar sua tese exemplificando estratégias de boa convivência entre os “socialmente brancos” e “pessoas de cor”. Seja na religião, no convívio com os estrangeiros, ou no processo de mestiçagem, os baianos de todas as cores viviam de forma relativamente harmoniosa, apresentando a negros apenas barreiras de caráter classista. A mestiçagem, principalmente, significou para o autor — assim como para Gilberto Freyre — um exemplo claro de que a segregação existente entre as pessoas não era baseada na cor, mas nas condições sócio-econômicas, aí incluído o nível educacional. A explicação dada por Thales de Azevedo para o processo de mestiçagem na Bahia está ligada à idéia de uma suposta escravidão amena. Afirma Azevedo que “concorreram poderosamente para a aproximação e para as boas relações entre as raças na Bahia, como em todo o Brasil, o tratamento de modo geral brando e humano que os proprietários dispensavam a seus escravos e a atuação do clero católico procurando desde

os primeiros dias da importação dos africanos incorporá-los à fé e à civilização dos portugueses” (p. 49). Esta concepção já foi bastante revista pela atual produção historiográfica sobre escravidão.<sup>3</sup>

Thales de Azevedo argumenta, nesta primeira parte, que a sociedade baiana era uma sociedade multirracial de classes, onde os indivíduos mantinham suas posições, ou adquiriam novas, mediante critérios econômicos e educacionais. Para ele, a ascensão social de uma pessoa de cor implicava na absorção por parte desta dos valores da classe dominante, e que esta condição tornava o indivíduo, por sua vez, alvo de preconceitos tanto do seu grupo de origem, como do grupo ao qual ascendeu. Além disso, o autor conclui que, apesar do casamento inter-racial ser uma importante forma de ascensão social, era um comportamento que comportava grandes barreiras e preconceitos. Havia na sociedade baiana um forte preconceito contra o casamento entre indivíduos de cores extremamente opostas.

A segunda parte do livro aborda os diversos canais de ascensão social existentes na sociedade baiana do período estudado. De acordo com Azevedo, o comércio não apresentava muitas possibilidades de ascensão para as “pessoas de cor”, que na maioria das vezes limitavam-se à função de empregados. Já em setores como a política, serviço público e corporações militares (atividades cujo acesso às vezes dependia de relações pessoais) as possibilidades de ascensão eram maiores. O autor indica ainda

<sup>2</sup> Sobre o contexto em que foi publicada esta obra, ver Maria Brandão, “Thales de Azevedo, a institucionalização das Ciências Sociais na Bahia e o ciclo dos estudos das relações inter-étnicas”, *Afro-Ásia*, nº 17 (1996), pp. 213-229.

<sup>3</sup> Em obra posterior, *Democracia Racial Ideologia e Realidade*, Petrópolis, Vozes, 1975. Thales revisaria sua interpretação das relações raciais na Bahia, demonstrando a existência de fortes aspectos racistas.

como mecanismo fundamental para ascensão social o sistema educacional, já que, através dele os negros supostamente absorviam os valores e comportamentos considerados pela classe dominante “civilizados” e portanto ideais. As profissões liberais seriam também consideradas um veículo muito utilizado pelos indivíduos de cor para ascenderem socialmente.

Embora não tenha sido objetivo do autor revelar preconceito racial na cidade de Salvador e sim demonstrar os diversos mecanismos de ascensão social e o uso destes mecanismos pelas chamadas “pessoas de cor”, Azevedo termina, através de sua pesquisa, detectando um forte preconceito. Apesar disso ele conclui ser apenas parcialmente verdadeira a idéia de que na Bahia existiria racismo, reafirmando que as discriminações eram brandas e misturadas, com antagonismos principalmente de classe.

Sobre esta suposta ausência de discriminação racial na Bahia e no Brasil, Antônio Sérgio Guimarães argumenta que, desde os anos 30 e até pelo menos os anos 70, foram feitos estudos de sociólogos e antropólogos sobre a questão racial no Brasil, com o intuito de afirmar o caráter aparentemente harmonioso das relações raciais no país.<sup>4</sup> Estas pesquisas teriam sido empreendidas principalmente pelos cientistas sociais norte-americanos, que buscaram comparar e compreender as relações entre as raças em várias sociedades, especialmente no Brasil. Estudos que, ou negavam a existência de uma discriminação racial no país, ou apontavam discriminação ca-

muflada por uma lógica classista. Para estes cientistas, o fato dos negros no Brasil não poderem ser definidos por sua descendência biológica e sim por diferenças fenotípicas, tornava impossível a definição de grupos raciais no país. Existiria, portanto, grupos de cor e preconceito de cor e não discriminação racial. Este tipo de discurso terminou por naturalizar e objetivar características físicas, como se estas estivessem totalmente dissociadas de qualquer ideologia racial. Thales de Azevedo estava em sintonia com essas tendências da época, buscando demonstrar a inexistência do racismo na Bahia, sem contudo obter sucesso, já que a todo momento deixava entrever, em passagens do livro, referências a atitudes racistas.

O racismo brasileiro, segundo Guimarães, decorreu da “importação de teorias racistas européias, excluindo duas de suas concepções importantes — o caráter inato das diferenças raciais e a degenerescência proveniente da mistura racial — de modo a formular uma solução própria para o problema do negro.<sup>5</sup> Dentro desta perspectiva, cultivou-se o ideal de mestiçagem e de embranquecimento, enquanto projeto de formação de nacionalidade brasileira. Este novo ideal da nacionalidade apostava na possibilidade de “mobilidade ascensional dos mestiços na hierarquia social”.<sup>6</sup> Escreve Guimarães: “Essa perspectiva eurocêntrica da versão culturalista do embranquecimento pode ser encontrada em Gilberto Freyre (1933), em Donald Pierson (1942), em Thales de Azevedo (1955), para ficar entre alguns dos mais

<sup>4</sup> Antônio Sérgio Guimarães, “Racismo e anti-racismo no Brasil”, *Novos Estudos*, nº 43 (nov. 1995), pp. 26-44.

<sup>5</sup> Guimarães, “Racismo e anti-racismo no Brasil”, p. 36.

<sup>6</sup> Guimarães, “Racismo e anti-racismo no Brasil”, pp. 38-39.

proeminentes e progressistas antropólogos dos anos 30, 40 e 50, respectivamente”.<sup>7</sup> Inclui, por conseguinte, as pesquisas de Thales de Azevedo na tradição de estudos iniciados por Freyre, sobre a importância das três “raças” para a formação da nacionalidade brasileira. Para que possamos, entretanto, compreender a análise de Guimarães sobre os autores acima citados, faz-se necessário deixar explícito o que o mesmo denomina de “versão culturalista do embranquecimento”. O embranquecimento neste caso envolve não apenas o processo de mestiçagem e a incorporação de caracteres físicos próximos do branco europeu, mas a aquisição de padrões de renda e de educação, que elevam conseqüentemente o status do indivíduo de mestiço para branco. Guimarães acredita que esta concepção produz um novo tipo de racismo, revertido na “cromatologia do status”, fato que, como já afirmamos acima, naturaliza os aspectos culturais. Thales de Azevedo teria adotado esta perspectiva para entender as relações raciais na Bahia. Ao negar a existência de discriminação racial ele fundamentava pressupostos culturalistas, dentro de uma tendência que concebe a cultura com um fator de integração e não de conflito. Afirma ele, por exemplo: “É importante registrar que, até este momento, o principal canal de ascensão social, através o qual grande número de pretos e mestiços têm adquirido status elevado, é a educação no duplo sentido de boas maneiras e de uma instrução de elevado

nível, além da adesão aos mores e concepções da cultura dominante, o que, em última análise, é um problema de aculturação ou de mais completa integração das massas de cor na sociedade dominante”.<sup>8</sup>

Não obstante, não podemos deixar de reconhecer a importante contribuição deste antropólogo, não só para os estudos sócio-raciais, como também para uma maior elucidação dos aspectos culturais da sociedade baiana do século XX. Classificando as diversas definições cromáticas existentes entre a população da cidade, agrupando os indivíduos não só por aspectos físicos, mas por fatores sócio-culturais, e levando em consideração a representação que os indivíduos fazem da sua própria cor e da cor dos que os cercam, este livro é fundamental para entender a sociedade baiana da primeira metade do século XX.

Assim sendo, a reedição e as *Elites de Cor* justifica-se pelos quarenta anos de publicação dos trabalhos da UNESCO, bem como a ocorrência de “uma mesa redonda sobre o ciclo de estudos da UNESCO, sobre relações raciais no Brasil na XX Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador, 14-18 Abril 1996, quando também ocorreu a I Conferência sobre Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe”.<sup>9</sup> Esta edição, embora preserve os comentários de Charles Wagley sobre o livro, a introdução e o addendum à introdução de Azevedo, recebe uma acréscimo a apresentação e um prefácio de Maria de Azevedo Brandão,

<sup>7</sup> Guimarães, “Racismo e anti-racismo no Brasil”, p. 39.

<sup>8</sup> Azevedo, *As Elites de Cor*, p. 198.

<sup>9</sup> Maria de Azevedo Brandão, “Apresentação”, in Thales de Azevedo, *As Elites de Cor Numa Cidade Brasileira: um estudo de ascensão social & Classes sociais e grupos de prestígio* (Salvador, EDUFBA: EGBA, 1996), p. 7.

bem como a inserção do artigo “Classes sociais e grupos de prestígio”. É, portanto, uma reedição que não só se mantém fiel à primeira como também aprofunda os questionamentos do autor, ao introduzir seu artigo (já citado acima) sobre classes sociais. Todavia, há que se fazer uma ressalva para o prefácio desta nova edição que, talvez por conta da apresenta-

ção gráfica, escreve acerca da influência de Anísio Teixeira na produção intelectual de Tales de Azevedo de forma pouco clara.<sup>10</sup> O livro também possui alguns erros gráficos como os que se apresentam nas páginas 51 e 57.

*Andréa da Rocha Rodrigues*  
Universidade Federal da Bahia  
Mestranda em História